

UMA NOVA OPORTUNIDADE APÓS A CATÁSTROFE? – Jeremias 40,1-12

Célio Silva

Parece que a narrativa que caracteriza o texto se propõe a apresentar o que aconteceu ao profeta Jeremias após a destruição de Jerusalém (586 aC), ou seja, sua libertação do cativo e sua permanência em Masfa. No entanto, é possível que a passagem se abra em um discurso que venha a utilizar a narração como instrumento de reflexões elaboradas a partir da vivência, não somente de Jeremias, mas de pessoas que, considerando sua mensagem, olham a catástrofe passada como realização da palavra profética e o seu presente como lugar de expectativas de um futuro. A seguir, procurar-se-á discutir a respeito dessas falas e significados.

1. A forma

A primeira frase, “a palavra que veio a Jeremias da parte de Iahweh”, é estranha, já que parece querer introduzir um oráculo na narrativa a respeito da sorte de Jeremias e do futuro dos judaítas sob o governo de Godolias, o que não corresponde com a forma do texto, que não é a de um oráculo. No entanto, pode-se perceber que o original hebraico utilizado na LXX já trazia essa oração¹. De qualquer maneira, a primeira sentença em 40,1 está fora de lugar. O texto constrói-se como uma narrativa a respeito da sorte de Jeremias e da frágil comunidade que se formou em torno de Godolias, antes de seu assassinato (Jr 41,1-3).

É possível que essa narrativa tenha de ser considerada logo após o capítulo 39,14, não obstante haver contradição com ele. Em 39,14, Jeremias é retirado do pátio da guarda e confiado a Godolias, enquanto que, em 40,1, o profeta encontra-se em Ramá, no meio do povo que estava sendo levado cativo para a Babilônia. Não é possível conciliar tais detalhes.

2. A época

O texto é uma narrativa acerca do que aconteceu a Jeremias após a destruição de Jerusalém. Pode-se pensar que essa redação procura ligar os oráculos de Jeremias anteriores ao exílio na Babilônia às suas palavras, proferidas no Egito a propósito da invasão de Nabucodonosor II (44,1-30).

O texto refere-se à destruição de Jerusalém em 586 aC. Como possui características do tipo de redação deuteronomista, pode ser do período pós-exílico, quando os

1. Na LXX, Jeremias 40,1-12 corresponde a 47,1-12.

oráculos de Jeremias foram organizados. Pode-se olhar um exemplo existente em nossa narrativa nos v. 2-3, que serão discutidos mais adiante².

3. Uma narrativa teológica

3.1. A libertação de Jeremias

Segundo a narrativa, o profeta Jeremias é libertado por Nabuzardã, comandante da guarda do rei da Babilônia (v. 2-6). O texto não dá margem para nenhuma explicação sobre isso e não se pretende aqui imaginar a razão. Pode-se, no entanto, pensar no fato de Jeremias haver pregado submissão à Babilônia (por exemplo, 38,17-18). Em 37,11-16, o profeta é preso sob acusação de traição e em 38,4 essa acusação é confirmada ao afirmarem os príncipes judaítas que Jeremias “desencoraja os guerreiros que restaram nesta cidade e a todo o povo”. É possível ver-se a ligação entre a libertação de Jeremias e sua pregação de que Judá se submeta à Babilônia. Pode-se perguntar se a narrativa não quer demonstrar o reconhecimento do rei de Babilônia em relação à tentativa feita pelo profeta de impedir a revolta contra essa potência, o que redundou na sua acusação de traição pelos judaítas.

3.2. As palavras de Nabuzardã

Em Jeremias 40 encontra-se um discurso teológico próprio da proclamação profética, que é posto na boca de um estrangeiro, o comandante Nabuzardã:

“Iahweh, teu Deus, predisse esta desgraça para este lugar e a realizou. E fez Iahweh conforme falou, porque pecastes contra Iahweh e não escutastes a sua voz: assim esta coisa vos aconteceu” (Jr 40,2-3).

Este texto serve de reflexão à calamidade ocorrida. Através da boca de um babilônico é reiterada a ameaça que tantas vezes aparece no livro de Jeremias, sendo uma expressão própria desse profeta. Nota-se a linguagem semelhante à redação deuteronomista que aparece, por exemplo, na profecia de Hulda em 2Rs 22,14-20 (“eis que estou para fazer cair a desgraça sobre este lugar e sobre os seus habitantes”), a qual, segundo Diana Edelman, a transforma num “*alter ego*” de Jeremias³. Preste-se atenção a Jeremias:

“eis que vou trazer uma desgraça sobre este lugar” (Jr 19,3).

E também:

“eis que eu vou trazer sobre esta cidade e todas as suas povoações toda a desgraça que eu falei contra ela” (Jr 19,15).

2. Ver J. Auneau, “Jeremias”, em S. Amsler e outros, *Os profetas e os livros proféticos*, São Paulo: Paulinas, 1992, p. 211-213 (Biblioteca de Ciências Bíblicas).

3. Diana Edelman, “Hulda, a profetisa – De yhwh ou de Aserá?”, em Athalya Brenner (organizadora), *Samuel e Reis a partir de uma leitura de gênero*, São Paulo: Paulinas, 2003, p. 317 (Coleção A Bíblia: uma leitura de gênero).

A expressão aparece em outro lugar, agora próximo ao texto comentado, em Jr 39,16:

“eis que vou cumprir contra esta cidade as minhas palavras, para desgraça e não para salvação”.

O uso da palavra “maldade”, “calamidade”⁴, no texto de Jeremias, parece trazer a noção de que o bem e o mal vêm de Deus, o que é muito freqüente entre os profetas (ver por exemplo Is 45,7; Am 5,18). Mas é importante que se perceba que a “maldade” que Iahweh irá trazer não se prende a um fatalismo. Ela significa a “recompensa” às atitudes de corações endurecidos, que se negam a acreditar na mensagem profética (ver Jr 7,1-15). Em última análise, o “mal” (ou “desgraça”, conforme a Bíblia de Jerusalém) nada mais é que a conseqüência de um viver à parte da retidão e da justiça (Jr 7,5-7).

Existe, assim, na narrativa, uma repetição do discurso profético de Jeremias, agora inserido no acontecimento da sua libertação. O texto está confirmando o cumprimento da palavra profética. Provavelmente, o redator teria escrito nesse estilo para mostrar as conseqüências de não se escutar a voz de Javé através de seu enviado, no caso Jeremias. Colocar essas palavras na boca de um babilônico é pertinente porque dá mais força à argumentação da teologia presente no livro de Jeremias.

3.3. *Godolias e a nova comunidade*

Godolias se estabelece em Masfa (Jr 40,6). Essa localidade, atualmente identificada com *Tell en-Nasbeh*, tem dado indícios de não haver sido destruída pelos babilônicos; mas, pelo contrário, se tornado no “mais importante assentamento na região no sexto século aC”⁵. A identificação exata do lugar, porém, carece de confirmação e consenso entre os autores. J.A. Thompson aceita a possibilidade de se identificá-la com aquela citada em 1Sm 7,5, mas apontando para a dúvida que ainda existe entre os pesquisadores⁶. Porém, qualquer que seja a relação dessa informação com a história, é proveitoso que se lhe olhe teologicamente. O que significaria Masfa para o *texto*?

A comunidade sob o governo de Godolias prospera. Ela é um reflexo do que o próprio Jeremias havia dito de Judá, caso se submetesse ao rei da Babilônia (Jr 38,17). Talvez nessa comunidade em Masfa se vislumbresse o “resto de Israel”, conforme expressão que aparece em 40,15. A comunidade judaíta se reestrutura sob a administração de Godolias, filho de Aicam. A alusão a uma colheita farta, que está em Jr 40,12, pode referir-se à esperança colocada no que restou do povo, que ainda permaneceu na terra após a catástrofe. Luís Alonso Schökel e José Luis Sicre Diaz escrevem que “acontece uma espécie de milagre”, que eles associam ao retorno dos fugitivos e à

4. GESENIUS, Wilhelm, *Gesenius' Hebrew-Chaldee Lexicon to the Old Testament*, Grand Rapids/Michigan: Baker Book House, 1992, n. 7451, p. 773.

5. Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman, *The Bible Unearthed: Archaeology's New Vision of Ancient Israel and the Origin of its Sacred Texts*, Nova Iorque: Touchstone Book, 2002, p. 307.

6. J.D. Douglas (editor), *O novo dicionário da Bíblia*, São Paulo: Vida Nova, 2ª edição, 1995, p. 1055 (Mispa).

existência de um “resto”⁷. Na expressão “muito abundante” (v. 12) utiliza-se de uma hipérbole, para salientar tempos de prosperidade.

John Skinner acredita que o profeta Jeremias via na pequena comunidade “a amostra da perfeita felicidade da era messiânica”⁸. Para tal opinião, o autor está baseado nos poemas em Jeremias 31,2-6.15-16.18-22, os quais ele situa nesse período na vida do profeta⁹.

A comunidade em Masfa lembra os tempos tribais, quando Israel se reunia ali (ou em uma localidade do mesmo nome) para consultar a Javé ou realizar sacrifícios (1Sm 7,5.10.17), “quando não havia reis em Israel” e Javé reinava sobre ele.

Ao se analisar as palavras de Godolias no v. 9-10, percebe-se também o retoque dos redatores:

“Não temais servir os caldeus, permanecci na terra e servi ao rei da Babilônia e será bom para vós. Quanto a mim, eis que fiquei em Masfa, responsável diante dos caldeus que vêm a nós. Mas fezei a colheita do vinho, das frutas e do azeite, enchei vossos jarros e permanecci em vossas cidades, que ocupais”¹⁰.

É a reiteração das palavras de Jeremias, como observadas no item anterior.

Porém, como se lê na continuação do texto (Jr 40,13–43,7), com a morte de Godolias, os tempos de prosperidade se acabam e os judaítas vão para o Egito. A comunidade, que experimentara paz e prosperidade, chega a um triste fim! Aqui existe um contraste entre a realização de tempos de prosperidade, representada pela colheita abundante (40,12), e o seu fim, colocado na descida dos judaítas ao Egito (43,7).

Célio Silva
Rua Marianos, 113
Vila Géa/Campo Grande
São Paulo/SP
04691-110
celiop_rofessor@yahoo.com.br

7. Luís Alonso Schökel e José Luis Sicre Diaz, *Profetas I – Isaías, Jeremias*, São Paulo: Paulinas, 1988, p. 623-624 (Coleção Grande Comentário Bíblico).

8. John Skinner, *Jeremias – Profecia e religião*, São Paulo: ASTE, 1966, p. 255. Ver também a p. 279.

9. John Skinner, *Jeremias – Profecia e religião*, p. 277-280.

10. De acordo com a versão da Bíblia de Jerusalém.